

A recepção da produção intelectual de Karl Mannheim na obra de Florestan Fernandes

(avance de investigación em curso)

GT 17 - PENSAMENTO LATINOAMERICANO

Vera Alves Cepêda

Thiago Mazucato

Resumo

Esta proposta de comunicação tem como objetivo analisar a recepção da produção intelectual de Karl Mannheim na obra de Florestan Fernandes. Envolve assim duas dimensões de análise: de um lado, esforça-se por apresentar uma visão de conjunto das contribuições teóricas de Mannheim, nas várias fases de sua produção intelectual (da teoria do conhecimento às teses do planejamento democrático); e de outro lado, observa quais os principais pontos da constelação teórica de Mannheim foram apropriados por Florestan Fernandes, de que maneira e em qual momento intelectual do segundo autor.

palavras-chave: pensamento social, circulação, recepção de ideias

Introdução

A presença das teses e métodos desenvolvidos pelo pensador alemão Karl Mannheim (1893-1947) na obra de diversos e importantes autores brasileiros foi, em inúmeros momentos, reconhecida e apontada pelos estudiosos do pensamento social brasileiro. Autores como Florestan Fernandes, Machado Neto, Luiz Pereira, Celso Furtado, entre outros, teriam dialogado com distintos aspectos da obra mannheimiana ao longo de sua própria formação e produção intelectual. Temas centrais como a sociologia da cultura (entendida como *weltanschauung* ou *ethos*), a produção e deslocamentos de sentidos sociais através do binômio ideologia/utopia, planejamento, entre outros, foram recebidos e utilizados em vários momentos da produção desses autores nacionais. Exatamente porque Mannheim foi capaz de produzir uma explicação social sistêmica, integrando variados aspectos da constituição do fenômeno social e, além disso, formulando uma estrutura explicativa e epistemológica de apreensão dessa constituição global (a sociologia do conhecimento), a sua obra surge como uma constelação, vasta e complexa. Do campo teórico stricto sensu às implicações de natureza política Mannheim é um autor capaz de exercer muitos e múltiplos tipos de influência – portanto a circulação, recepção e utilização de suas ideias espelha, também, a mesma diversidade.

Sobre a taxionomia da produção mannheimiana podemos destacar (numa tentativa prévia e singela) aquelas de maior circulação, recepção e impacto mundial: a sociologia do conhecimento (pressuposto epistemológico); os conceitos de ideologia, utopia, *intelligentsia* e constelação (ferramentas de aplicação da análise sociológica); os temas da educação, do planejamento e da democracia (elementos de construção da racionalização social e de alcance político) e a função social da ciência. Mannheim oscila, entre o momento da sociologia da cultura até o planejamento com controles sociais, entre uma concepção mais filosófica, sociológica até atingir o nível da proposição política, sendo sua contribuição extensa e complexa, possibilitando assim uma utilização pontual ou recortada no ato da recepção.

Sua recepção em outros contextos intelectuais e acadêmicos, como o caso brasileiro, dificilmente poderá assumir a complexa feição de seu ambiente de origem. Desta forma, a presença dos argumentos e métodos mannheimianos na obra de outros cientistas sociais, deslocados no tempo, espaço e contexto histórico, abre uma série de questões relevantes para a teoria social e para a área de pensamento social: a análise de *como e por quê* as teses mannheimianas foram conectadas e recebidas e que função ou uso social cumpriram. Este é o ponto de partida deste trabalho: estabelecer uma comparação entre a obra de Mannheim e os recortes e aspectos mais valorizados pela na sua recepção na produção acadêmica de outro intelectual - também robusto e significativo no conjunto dos pensadores brasileiros - Florestan Fernandes¹.

Sobre o método desta análise indicamos: a) como recorte temporal: a produção intelectual de Florestan entre os anos de 1950/1970, em especial a organização dos manuais de sociologia, que receberam e divulgaram teorias, correntes e autores de circulação mundial forte no período; b) como fonte documental básica o acervo de Florestan Fernandes, preservado na íntegra na Biblioteca da Universidade Federal de São Carlos (Bco/UFSCar)².

Como ferramentas de trabalho esta pesquisa procurou analisar a presença das obras de Mannheim no acervo Florestan Fernandes, da Biblioteca Comunitária da UFSCar, fazendo o mapeamento da presença de títulos dos textos de Mannheim, utilizando, secundariamente, um balanço de marginalia. Uma segunda ferramenta adotada foi de detecção de citações diretas e indiretas de Mannheim nas obras produzidas por Florestan no período recortado, revelando a presença e influência teórica do primeiro autor sobre o segundo. Uma terceira ferramenta foi analisar que os segmentos das obras de Mannheim reproduzidos literalmente por Florestan em seus manuais, na forma de autores teses assinalados como referências para a consolidação do campo das Ciências Sociais brasileiras. Este aspecto é significativo por ocorrer em meio ao processo de institucionalização acadêmica da área e da ação protagônica e amplamente reconhecida de Florestan nesse momento.

O conjunto destes três movimentos de análise (acervo, citação e reprodução textual), cruzados com uma visão mais sistêmica da obra de Mannheim permite entender “qual Mannheim” foi introduzido no debate brasileiro sob os auspícios de Florestan. Esta recepção/seleção permite observar o entrelaçamento e o constante reposicionamento de repertório e funções teórico-explicativas na dinâmica da produção do pensamento social e, em especial, nos recursos que a sociologia mannheimiana pôde legar ao debate brasileiro dos anos 50/60.

Mannheim – dimensões teóricas e políticas de seu pensamento

Karl Mannheim formou-se no rico ambiente da sociologia alemã, tendo contato estreito com renomados pensadores como Luckács, Simmel e Alfred Weber. Sua produção intelectual pode ser dividida em dois momentos diferentes: anos de formação (Hungria e Alemanha) e os anos passados na

1 Esta comunicação é resultado parcial de pesquisa em dois níveis: de orientação de trabalhos de pesquisa realizado no e sobre o acervo de Florestan Fernandes na Bco/UFSCar, somada à uma a reflexão mais antiga sobre o ambiente intelectual e a ação da *intelligentsia* no processo de modernização *conduzida* (planejada) que caracteriza o modelo brasileiro na etapa posterior ao final da Segunda Guerra Mundial.

2 Este acervo constitui-se da biblioteca pessoal de Florestan Fernandes, contendo livros, periódicos, fichamentos, cartas, anotações, fotografias, objetos pessoais. Foi cedido à Biblioteca Comunitária da UFSCar (Universidade Federal de São Carlos) em 1996. Os livros encontram-se dispostos da mesma maneira que o próprio Florestan Fernandes o fazia (inclusive com as estantes originais), e os demais documentos encontram-se arquivados e distribuídos nas seguintes seções: i) Vida Pessoal; ii) Vida Acadêmica; iii) Vida Política; iv) Produção Intelectual; v) Produção Intelectual de Terceiros e vi) Homenagens Póstumas.

Inglaterra. Vários comentadores³ têm destacado o efeito do nazismo como motriz na guinada da preocupação do autor com a racionalidade da política, e apontam as duas fases como expressivas do afastamento progressivo de Mannheim do campo filosófico para a área da sociologia e seu corolário político com a tese do planejamento democrático. A primeira fase da produção intelectual de Mannheim apresentou como tônica a questão da interpelação dos produtos cognitivos-ideacionais diante de sua origem social, mas muito próximo à abordagem filosófica. Ao longo da década de 1920 é visível o deslocamento em seus trabalhos em direção à valorização das condições sociais na formação dos estilos de pensamento epocais e seus portadores sociais (grupos). Esse movimento de inclinação ao método sociológico aparece em textos⁴ como *A análise estrutural da teoria do conhecimento* (1922), *Ensaio sobre a interpretação da weltanschauung* (1923), *Historicismo* (1924), *O Problema da Sociologia do Conhecimento* (1925), *Pensamento conservador* (1927), *O problema das gerações* (1927), *A competição como fenômeno cultural* (1929) e seu ápice ocorre em *Ideologia e Utopia* (1929) e *Sociologia da Cultura* (1932).

A segunda fase incorpora as dimensões mais fortes da política e do pragmatismo – várias vezes apontadas como influências no pensamento de Mannheim, ao lado do historicismo e do materialismo marxista. O tema do diagnóstico do momento histórico (seus dramas, limites e possibilidades), a adesão aos valores democráticos, a defesa do planejamento social (expressão máxima da racionalidade na política) e a proposição de ferramentas de mudança social em direção a manutenção do projeto racional e progressista da sociedade moderna (educação, propaganda), são os principais focos dos trabalhos dessa fase. São exemplares dessa lavra *Homem e Sociedade numa era de Reconstrução* (1935), *Diagnóstico do nosso Tempo* (1941/42), *Liberdade, Poder e Planificação Democrática* (1951/ edição póstuma). A dimensão metodológica, embora espalhada em obras e momentos diversos, em especial na fase posterior à publicação de *Ideologia e Utopia*, aparece em *Sociologia Sistemática* (1957/póstumo) e *Introdução a Sociologia da Educação* (1962/póstumo).

Dessa visão geral já se percebe as dilatadas fronteiras da teoria mannheimiana e de seus focos de análise. Nesta comunicação, nos preocupa a presença e recepção de suas teses no debate intelectual brasileiro, especialmente posterior aos anos de 1940, momento de robustecimento intelectual e acadêmico e de assimilação dos desafios teóricos imputados pelo processo de modernização planejada. Este é um ponto de fundamental importância: as interpretações sobre o atraso e, mais maduramente, subdesenvolvimento, implicavam consequências importantes para o papel que viria ser desempenhado pela ciência e pelos intelectuais. A assertiva da teoria do atraso/subdesenvolvimento, partilhada por inúmeros setores e grupos intelectuais posteriores aos anos 30⁵, era entendida como o resultado social de uma *formação histórica* específica (periferia tardocapitalista). Sua perversa e assimétrica dependência na divisão internacional do trabalho, implicava em que a superação desse déficit somente poderia ocorrer por soluções inéditas, específicas desta condição sócio-histórica particular. O conhecimento aqui – a interpretação e a explicação científica – tinham uma tarefa já fortemente delineada, de fundo prático. Era necessário compreender a causação dessa configuração, desse sistema (dessa *constelação*) observando a trajetória histórica, a estrutura formada diacronicamente a partir do entrelaçamento e tessitura de pontos que gerariam a trama da estrutura social (este é o método do historicismo e da sociologia sistemática de Mannheim). Essa síntese de compreensão histórica, feita pelos especialistas em “sínteses do social” – os intelectuais – e com

3 Cf Merton (1967), Wirth (1968), Foracchi (1982), Machado Neto (1979) e Villas-Boas (2006).

4 As datas citadas são das primeiras publicações.

5 Cf. BIELSCHOWSKY (1988); BRANDÃO (2007), CEPEËDA (2012 a)

destino a servir de fundamento e ferramenta à transformação desse cenário (o destino da *praxis* – a função social da ciência, mediatizada pelos intelectuais – metamorfoseados em *intelligentsia*).

Neste contexto, em que o conhecimento é parte da ação (como produto do pensamento e como ferramenta de intervenção) e meio de consecução do progresso, é que é ressaltado o papel dos intelectuais⁶. Este é o leito de gestação da obra de Florestan Fernandes, e os itens assinalados talvez ajudem a compreender os laços que ligaram a obra dos dois autores – Florestan e Mannheim.

Florestan e as ciências sociais brasileiras

A obra de Florestan Fernandes possui não somente uma envergadura teórica como também uma amplitude temática, perpassando áreas como a Sociologia, a Política, a Antropologia, a Economia e a História. No momento em que Florestan Fernandes firma-se como sociólogo, tendo já em 1951 defendido seu doutoramento na Universidade de São Paulo, as suas preocupações intelectuais estavam mais voltadas para questões teórico-metodológicas da sociologia, em especial no contexto de consolidação do viés acadêmico e científico da pesquisa social no Brasil. Neste sentido Florestan organizou e publicou alguns manuais de sociologia, como por exemplo *Ensaio de Sociologia Geral e Aplicada*, *Elementos de Sociologia Teórica*, *A Condição de Sociólogo* e *A Natureza Sociológica da Sociologia*⁷. No período dos anos 1950 a Sociologia avançava rapidamente no seu processo de institucionalização, processo que apresentava diversas facetas. A primeira faceta, seria de sua autonomização enquanto área específica, dotada de conceitos, objetivos, método, jargão e bibliografia própria (BORDIEU, 1989; SARTORI, 1981), afastando-se de formações próximas como o direito, a filosofia, a história. A segunda, de rompimento com o ensaísmo (talvez não tanto pelo que o ensaio enquanto forma intelectual permita, mas pela maneira socialmente dilatada na qual ela se realizava muitas vezes – sem lastros que contivessem a subjetividade ou o impulso opinativo na ordem da legitimação e rigor do método)⁸. A terceira faceta é, agora especificamente, a rotinização, a profissionalização (e termos acadêmicos) do espaço científico ocupado pelo campo da sociologia. Em síntese todos os elementos apontados caminham para o mesmo ponto: a construção de técnicas, linguagens, repertórios e práticas que necessitam fixar fronteiras, ter visibilidade e identidade própria. A Sociologia estava se institucionalizando no Brasil enquanto um campo independente, sendo as universidades paulistas (USP e Escola de Sociologia e Política) um importante centro de produção e difusão de seus saberes (desde a década de 1930) e tendo Florestan Fernandes como um dos expoentes deste empreendimento (Ianni, 1982).

Outro dado importante a ser considerado nesse processo de “fixação de fronteiras” ontológicas e epistemológicas, é que, as ciências da cultura (em oposição às ciências da natureza, como apontava Dilthey) trabalham com um objeto histórico de dupla tensão particular e universal. As explicações sociológicas, mesmo ao verticalizarem um objeto e contexto não podem prescindir de um método geral – mesmo que a compreensão seja particular. A sociologia clássica, mais ainda, aferra-se ao problema do global e do particular como ponto-chave de sua análise. Talvez por esse motivo a questão da

6 BOBBIO (1997); PÉCAUT (1990); BASTOS & REGO (1999); CEPÊDA (2012 b)

7 A coletânea de *Ensaio* é composta por artigos escritos nos anos 1950, sendo a primeira edição datada de 1960. *Elementos* é composto de capítulos escritos no final dos anos 1950 e anos 1960. *A Condição de Sociólogo* e *A Natureza Sociológica da Sociologia* constituem-se em balanços retrospectivos, elaborados no final dos anos 1970 e publicados respectivamente em 1978 e 1980, em que Florestan retoma, em uma nova angulação, a natureza da sociologia, sua taxonomia e função social.

8 A afirmação comum do rigor acadêmico de Florestan como ruptura com a tradição ensaísta é delicada - afinal em A Revolução Burguesa no Brasil Florestan Fernandes usa dois termos exemplares: *ensaio* e *interpretação*.

filiação, à escolas e correntes teóricas de circulação mundial tenha tanta importância. A recepção de teorias e autores não significa, como a crítica ao mimetismo do bacharelismo de outrora, uma adesão ou importação de ideias prontas. Pode expressar, ao contrário, a apropriação de um repertório de técnicas capazes de conectar o interno com o externo, o nacional com o mundial. São um ferramental, com a vantagem de que seu uso aumenta a extensão dos fenômenos observados “aqui e lá”, testando, checando a capacidade explicativa das teorias. A recepção de autores, paradigmas e métodos com circulação e validação mundial ampliava e fortalecia os marcos do debate da sociologia e ciências sociais brasileiras, ajustando a produção intelectual interna aos parâmetros já testados e legitimados externamente, fazendo sua rotação segundo o contexto e particularidade da nossa sociedade. Podemos pensar nesse movimento através de palavras como atualização, equiparação, conexão, interpelação de contextos intelectuais.

No entanto, as correntes teóricas são muitas e múltiplas e toda conexão ou recepção não é neutra (mesmo que se proponha a tal). Há subjetividade e arbitrariedade nos focos que despertam a atenção, na expectativa de aplicação, na hierarquia de importância quanto à eficácia, efetividade e validade explicativa. Assim, os nexos e elementos subjacentes ao processo de recepção e ressignificação de conceitos e teorias passam a ser, eles mesmos, objeto de reflexão sociológica. Sua dinâmica é socialmente constituída e orientada. Dessa forma a literatura já tem tratado os manuais – mecanismo através do qual se apresenta autores e cânones no ambiente de produção e re-produção do campo intelectual das ciências sociais – como tendo: a) uma origem - o momento da institucionalização (leia-se fixação das fronteiras e construção do circuito perito); e b) uma tarefa (a geração de atores capazes de uma leitura cientificamente correta da realidade nacional a partir do estoque de conhecimento internacional).

É nesse contexto que a seleção de autores realizada por Florestan Fernandes torna-se um problema de pesquisa. Quais autores foram selecionados? Se suas teses não vieram na íntegra, dada exiguidade de espaço intrínseca à condição de manual, quais foram os textos ou recortes teóricos privilegiados por Florestan?

As preocupações centrais de Florestan neste período voltavam-se para a função social da ciência e a conseqüente legitimação do papel da *intelligentsia* (MOTA, 1977). A situação política nacional na década de 1950 era a de um regime democrático, no qual os intelectuais ainda podiam analisar, com uma distância de poucos anos, um regime político fechado que durou até meados dos anos 1940. A agenda política e intelectual estava pautada pelo tema do atraso e pela necessidade da sua superação, e a sociologia poderia contribuir não somente no diagnóstico da situação como também no debate sobre a intervenção política planejada. De acordo com Mota, Florestan pode ser considerado um ponto de inflexão importante na análise sociológica brasileira dentro desta perspectiva.

Tendo em vista este cenário Florestan Fernandes fará dois usos da agenda intelectual de Mannheim. Num primeiro momento as teses de Mannheim tornavam possível introduzir no cenário acadêmico brasileiro as discussões teóricas e metodológicas que estavam sendo produzidas nos países centrais, através principalmente de sua obra *Ideologia e Utopia*, e também de outra obra de cunho mais metodológico, *Ensaio de Sociologia da Cultura*, incluindo a discussão sobre o papel e o uso social da ciência e a função social e política dos intelectuais. No ambiente acadêmico paulista havia uma forte tendência em negar as raízes *ensaístas* da sociologia brasileira em favor de uma produção teórica com maiores rigores científicos, e que tivera sua origem nas principais delegações de professores estrangeiros que vieram para o Brasil desde a fundação da USP e da Escola de Sociologia e Política.

De acordo com o próprio Florestan “*não nos devemos esquecer que estávamos nas décadas de 30 e 40 e que, então, o fundamental era construir a sociologia como uma ciência empírica*” (FERNANDES, 1978, p. 16). Ele seria um ferrenho seguidor desta linha cientificista da sociologia,

utilizando-se das obras de Mannheim com a dupla função de legitimar o seu argumento a partir de uma produção teórica proveniente de países intelectualmente centrais, e também por ser esta uma síntese das principais tendências teóricas contemporâneas tanto da Europa quanto dos Estados Unidos. Como diz Ianni sobre a reflexão de Florestan neste período:

O diálogo contínuo, aberto e crítico desenvolve-se com os principais sociólogos, ou cientistas sociais, que apresentavam alguma contribuição para a pesquisa e a interpretação da realidade social. Aí estão representantes notáveis das escolas francesa, alemã, inglesa e norte-americana (...) Dentre todos, sobressai Mannheim. (IANNI, 1982: 19)

Mannheim era um autor central para Florestan não somente em seus textos teóricos, mas também como um recurso didático em suas aulas, justamente por representar uma síntese do pensamento contemporâneo. Um excelente exemplo do uso de Mannheim por Florestan Fernandes é dado por Fernando Henrique Cardoso ao relatar seu contato com Florestan quando este era seu professor (já apontando para um possível recorte e uso de Mannheim feito por Florestan):

As aulas de Florestan no primeiro ano eram difícilísimas. Ele nos fazia ler Mannheim, que nós não entendíamos. Quando passávamos de uma aula sobre Mannheim para um curso sobre Durkheim dado pelo professor Roger Bastide, nos parecia que Durkheim era tão claro! Se fosse o professor Antonio Cândido que nos explicasse Weber, então era um Weber fascinante. Mas o homem que nos dava o impulso para que lêssemos tudo isto era Florestan Fernandes, que vinha com o seu Mannheim, que nos obrigava a ler os trabalhos mais maçudos de Mannheim, a tentar entender o conceito de utopia, a tentar perguntar qual era a função do intelectual, como ele se situa na sociedade; estávamos todos tateando para ver se descobríamos alguma coisa e Florestan nos incentivando sempre. (CARDOSO, 2013: 179)

Num momento posterior, as ideias de Mannheim sobre planejamento democrático, apresentadas em obras como *Homem e Sociedade numa Era de Reconstrução*, *Diagnóstico de Nosso Tempo* e finalmente em *Liberdade, Poder e Planificação Democrática* reposicionam a agenda de sua recepção no Brasil a partir de Florestan Fernandes, e serão essenciais em obras deste como *Mudanças Sociais no Brasil*, *Sociedade de Classes e Subdesenvolvimento* e *A Revolução Burguesa no Brasil*. A linha de interpretação do Brasil de Florestan Fernandes seria completamente reposicionada diante da conjuntura política nacional. Após o fechamento do regime político pelo golpe militar de 1964 tornava-se essencial incluir não somente o tema da superação do atraso como também o retorno à democracia⁹. A teoria da modernização presente na obra de Florestan Fernandes aproximava-se da agenda nacional-desenvolvimentista ao trazer para o centro da sua análise a situação da dependência relacionando-a à questão das classes sociais. A tese de Florestan tenta conciliar as mudanças econômicas e sociais com

9 Nem todos os intelectuais reposicionaram sua agenda de recepção de Mannheim para uma nova angulação política. É o caso, por exemplo, de Machado Neto (1956; 1979) que, ao contrário de Florestan Fernandes, afasta-se da “questão nacional”, permanecendo numa recepção pontual da obra de Mannheim com interesse puramente teórico, sendo que o uso tópico que Machado Neto faz da obra de Mannheim fica restrito ao seu intento de solidificar as balizas teóricas da Sociologia do Conhecimento no Brasil.

as suas implicações políticas, permitindo uma aproximação de temas como *desenvolvimento* e *democracia*, retomados principalmente como a “questão nacional”.

Indicativos da recepção de Mannheim na obra Florestan Fernandes

De uma forma bastante ampla podemos afirmar que Florestan Fernandes utiliza as ideias de Karl Mannheim de maneiras e intensidades diferentes, durante toda a sua produção teórica que vai dos anos 1950 até o final dos anos 1970. Remmling (1982, p.14) apresenta uma divisão temática da obra de Mannheim em quatro grandes blocos: Filosofia e Sociologia do Conhecimento (1918-1932), Sociologia da Planificação (1933-1938), Sociologia da Religião, dos Valores e da Educação (1939-1944) e Sociologia Política e do Poder (1945-1947). Florestan utilizará em suas obras argumentos de Mannheim de todos os blocos acima, oscilando em intensidade ora para um deles, ora para outro.

Num primeiro movimento para analisar a recepção das ideias de Karl Mannheim em Florestan Fernandes, fizemos um levantamento no acervo do próprio Florestan presente na BCo-UFSCar (mencionado anteriormente). Podemos distribuir as obras de Mannheim presentes no acervo de Florestan de acordo com os blocos temáticos acima mencionados e teremos a seguinte configuração:

- a) Filosofia e Sociologia do Conhecimento: *Ideologia e Utopia; Essays on The Sociology of Culture; Essays on the Sociology of Knowledge; Sociologia Sistemática.*
- b) Sociologia da Planificação: *Essays on Sociology and Social Psychology.*
- c) Sociologia da Religião, dos Valores e da Educação: *An Introduction to the Sociology of Education.*
- d) Sociologia Política e do Poder: *Diagnóstico de Nuestro Tiempo; Liberdade, Poder e Planificação Democrática.*

Este primeiro apontamento permite verificar a presença mais intensiva no acervo de Florestan de obras de Mannheim sobre Sociologia do Conhecimento e Sociologia Política e do Poder. Tal fato é reforçado por uma citação do próprio Florestan (1976) sobre as obras mais importantes de Mannheim, em que se verifica a mesma distribuição verificada acima. Isto demonstra que não somente houve uma recepção mas também um recorte específico na obra de Mannheim como um todo, privilegiando dentro da safra de obras mannheimianas o bloco da sociologia do conhecimento (num primeiro momento da produção de Florestan) e o bloco da política e do poder (num momento posterior). Quando cruzamos estas informações com as publicações do próprio Florestan e com o contexto político em que viveu, podemos perceber uma lógica neste movimento que vai da recepção à presença dos pensamentos de Mannheim na obra do próprio Florestan:

De qualquer maneira, porém, através das pistas que ele abre em *Ideologia e Utopia, Homem e Sociedade em uma Época de Transição* e em outros livros eu podia ligar os estudantes às grandes correntes da sociologia clássica e ao que se estava fazendo graças à pesquisa empírica na psicologia social e na sociologia moderna nos Estados Unidos e na Europa. (...) De modo que Mannheim teve uma importância muito grande para mim nesse período, em que eu tentava descobrir o meu próprio caminho. (FERNANDES, 1978: 19)

Quando observamos a recepção de Mannheim em Florestan por uma perspectiva cronológica, podemos distinguir dois grandes momentos: um primeiro momento (1950-1964) em que prevalece a recepção dos pressupostos epistemológicos e das ferramentas teóricas de Mannheim, e um segundo

momento (1964-1980) em que há o predomínio das teses mannheimianas de controle social (intervenção racional) e de planejamento democrático.

Por outro lado, quando analisamos as citações de autores nos manuais de sociologia elaborados por Florestan Fernandes¹⁰, percebemos um duplo protagonismo: Marx e Mannheim: Mannheim é o mais citado em *Elementos de Sociologia Teórica* Mannheim¹¹, o segundo mais citado em *Ensaio de Sociologia Geral e Aplicada* e em *A Condição de Sociólogo*, e o quarto mais citado em *A Natureza Sociológica da Sociologia*. Nos manuais em que Mannheim é o segundo autor mais citado Marx é o primeiro, e naquele em que Mannheim é o quarto autor mais citado, Marx é o primeiro, Engels é o segundo e Lênin é o terceiro.

Os três levantamentos apresentados até o momento tornam possível duas afirmações: i) quantitativamente, a recepção e uso de Mannheim foi constante durante toda a produção teórica de Florestan Fernandes e ii) qualitativamente pode-se evidenciar o recorte da obra mannheimiana através dos deslocamentos temáticos em sua recepção por Florestan.

Em um primeiro momento Florestan estava preocupado com a função social da ciência e com a legitimação do intelectual enquanto ator relevante no cenário político. Já no momento posterior, Florestan preocupa-se com a “questão nacional”, seja a superação do atraso pela via do desenvolvimento e a sua consequente implicação na esfera social, seja pela ligação destes temas com a democracia como um elemento importante para a modernização plena do Brasil. Assim podemos encontrar em *Elementos de Sociologia Teórica* um capítulo intitulado *A Concepção Política de Karl Mannheim*, que ocupa aproximadamente um quarto de todo o manual. O enfoque ao tema mannheimiano da política e do poder coaduna-se com a leitura de Florestan da situação nacional e do seu posicionamento enquanto intelectual.

Em síntese, notamos que Florestan Fernandes procede a uma recepção contínua do pensamento de Karl Mannheim no Brasil, tendo como fio condutor a obra de maior envergadura deste que é *Ideologia e Utopia*. Todavia, o contexto político e social impõe à tarefa intelectual de Florestan um reposicionamento da sua agenda teórica, vergando suas análises para temas não somente de interesse para a institucionalização do campo científico da sociologia, mas também para temas eminentemente práticos do campo da política.

Referências Bibliográficas

- Bastos, E. R e Rego, W. L. (1999) *Intelectuais e política: amoralidade do compromisso*. São Paulo, Olho d'Água.
- Bielschowsky, R. (1988) *Pensamento econômico brasileiro*. Rio de Janeiro: IPEA.
- Brandão, G. M. (2007) *Linhagens do pensamento político brasileiro*. São Paulo: Hucitec.
- Bobbio, N. (1997). *Intelectuais e poder*. São Paulo: Unesp.
- Bourdieu, P. (1989) *O poder simbólico*. Lisboa: Bertrand.
- Cardoso, F. H. (2013). *Pensadores que inventaram o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Cepêda, V. A. (2012a). Entre a Economia e a política os conceitos de periferia e desenvolvimento em Celso Furtado. *Sinais Sociais*. Rio de Janeiro: SESC.
- _____ (2012 b) “Inclusão, democracia e novo desenvolvimentismo - um balanço histórico”. *Revista de Estudos Avançados da USP*. São Paulo: EDUSP, v. 26.

10 □ *Ensaio de Sociologia Geral e Aplicada* (1960), *Elementos de Sociologia Teórica* (1970), *A Condição de Sociólogo* (1978) e *A Natureza Sociológica da Sociologia* (1980).

11 Ao todo são 499 citações de 114 autores diferentes, sendo que 25% do total das citações são de Mannheim.

- Fernandes, F. (1960). *Mudanças Sociais no Brasil*. São Paulo: Difusão Européia do Livro.
- _____. (1968). *Sociedade de Classes e Subdesenvolvimento*. Rio de Janeiro: Zahar Editora.
- _____. (1970). *Elementos de Sociologia Teórica*. São Paulo: Editora Nacional e Editora da USP.
- _____. (1975). *A Revolução Burguesa no Brasil*. Rio de Janeiro: Zahar Editora.
- _____. (1976). *Ensaio de Sociologia Geral e Aplicada*. São Paulo: Pioneira.
- _____. (1978). *A Condição de Sociólogo*. São Paulo: Hucitec.
- _____. (1980). *A Natureza Sociológica da Sociologia*. São Paulo: Ática.
- Foracchi, M. (1982). *Karl Mannheim*. São Paulo: Ática.
- Ianni, O. (1982). *Florestan Fernandes*. São Paulo: Ática.
- Machado Neto, A. L. (1956). *Marx e Mannheim: dois aspectos da sociologia do conhecimento*. Salvador: Livraria Progresso Editora.
- Machado Neto, A. L. (1979). *Formação e Temática da Sociologia do Conhecimento*. São Paulo: Editora Convívio e Editora da USP.
- Mannheim, K. (1962). *O Homem e a Sociedade – Estudos sobre a Estrutura Social Moderna*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- _____. (1962b). *Sociologia Sistemática – uma introdução ao estudo da sociologia*. São Paulo: Pioneira.
- _____. (1967). *Diagnóstico de Nosso Tempo*. Rio de Janeiro: Zahar Editora.
- _____. (1972). *Ideologia e Utopia*. Rio de Janeiro: Zahar Editora.
- _____. (1972b). *Liberdade, Poder e Planificação Democrática*. São Paulo, Brasil: Mestre Jou.
- _____. (2008). *Ensaio de Sociologia da Cultura*. São Paulo, Brasil: Perspectiva.
- Mannheim, K. & Stewart, W.A.C. *Introdução à Sociologia da Educação*. São Paulo, Brasil: Cultrix e Editora da USP.
- Merton, R. K. (1967). Mannheim, K; Mills: W. *Sociologia do conhecimento*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Mota, C. G. (1977). *Ideologia da Cultura Brasileira: pontos de partida para uma revisão histórica*. São Paulo: Ática.
- Pécaut, D. (1990) *Intelectuais e a política no Brasil*. São Paulo, Editora Ática.
- Remmling, G. W. (1982). *The Sociology of Karl Mannheim*. London, UK: Routledge & Kegan Paul.
- Sartori, G. (1981). *A política*. Brasília; UNB.
- Villas-Bôas, G. (2006). *A recepção da sociologia alemã no Brasil*. Rio de Janeiro: Toopbooks.
- Wirth, L. (1968). *Introdução in Ideologia e Utopia*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.